

Caribe

III

TRABALHOS DO PESSOAL DO MUSEU PARAENSE ENTRE 1894
E 1900, PUBLICADOS ORIGINALMENTE EM REVISTAS
EXTRANGEIRAS E AGORA VERTIDOS PELA PRIMEIRA
VEZ PARA A LINGUA PORTUGUEZA. *

I

O primeiro exemplar authenticico de uma genuina
doninha do Brazil ¹

Pelo Dr. EMILIO A. GOELDI

DIRECTOR DO MUSEU DO PARÁ

O distincto mammalogista norte-americano C. Hart Merriam escreveu na sua importante Memoria—*Synopse das doninhas da America do Norte* (no n.º 11 da «Fauna Norte Americana», Washington 1896) pag. 27: «Em 1813 um naturalista

¹ Extrahido dos «Zoologische Jahrbücher» (redactor Prof. Dr. I. W. Spengel; editor Gustav Fischer) Jena, Vol. x, 1897.

* NOTA.— Desde muito se fazia sentir a falta de uma collecção dos trabalhos que, publicados por diversos funcionarios scientificos do Museu em revistas especialistas do estrangeiro, não tinham ainda sido vertidos para o idioma nacional.

E' evidente que, em these, o interesse individual dos autores coincide, nesse terreno, com a utilidade publica, pois não ha negar que trabalhos versando sobre pontos da historia natural do Brazil teriam de, mais cedo ou mais tarde, entrar tambem no dominio intellectual do paiz.

Tantos, porém, eram os affazeres que nos assoberbavam, que nos não parecia judicioso cuidar d'aquillo que, já feito de uma maneira, pertencia, por assim dizer, ao passado, roubando um tempo já tão escasso que mal dava para se attender ás innumeradas questões novas que tinhamos deante de nós, não obstante a orientação, distribuição do trabalho e maxima actividade com que sempre agiu o pessoal do estabelecimento.

russo, o Sr. SEWASTIANOFF, deu o nome de *Mustela brasiliensis* a uma doninha levada a S. Petersburgo pelo capitão A. J. Krusenstern depois da sua viagem á volta do mundo. Disse-se que o animal veio do Brazil, porém não se indicou nenhuma localidade determinada.

Nas numerosas publicações que desde então appareceram sobre os mammiferos do Brazil e dos territorios adjacentes, nenhuma doninha se menciona como habitando aquelle paiz; e as especies descriptas das montanhas do occidente differem tanto da *brasiliensis* de SEWASTIANOFF, que é quasi certo que o animal referido não veio do Brazil. A descripção original (incluindo as medidas) concorda em todos os sentidos com o *Putorius frenatus* de LICHTENSTEIN do Valle do Mexico, indicando que os dois animaes são identicos».

Realmente a litteratura zoologica não cita casos de doninhas encontradas no Brazil. Nem NATTERER, nem BURMEISTER, nem o principe DE WIED, nem qualquer dos especialistas posteriores se refere a ellas; e assim se explica como é que eu mesmo ignorava a existencia de uma doninha brazileira na minha pequena obra *Mammiferos do Brazil*. Nenhum museu do novo ou do velho Mundo possui um exemplar, cuja proveniencia do Brazil fosse positivamente garantida, succedendo então que a supra-citada duvida de C. Merriam sobre a authenticidade do exemplar de Petersburgo era perfeitamente legitima. Alem d'isso, como se conclue dos bellos

Diversas vezes, porém, o Ex.^{mo} Sr. Dr. Paes de Carvalho, quando Governador do Estado, manifestára vivo desejo de ver realisada semelhante idéa, franqueando mesmo os meios financeiros que fossem precisos além do quadro restricto das verbas do Museu no orçamento, para a publicação desses trabalhos em volume especial.

Por occasião da viagem do Director do Museu á Europa, pareceu-lhe opportuno e de harmonia com as vistas d'aquelle benemerito Governador, encarregar a casa editora R. Friedländer & Sohn, de Berlim, da traducção e impressão.

Parece que aquella casa encontrou difficuldade, e não pequena, em obter um traductor que satisfizesse o duplo ponto de vista do conhecimento amplo dos diversos idiomas e da materia scientifica sobre que versavam os escriptos. Isso retardou, máo grado nosso, o andamento do trabalho desde 1898 até o presente, achando-se porém, felizmente, a esta hora já bastante adeantado.

Todavia, não querendo esperar mais para impressão em um só volume, julgamos acertado principiar a publicar, desde já, no «Boletim» do Museu a parte cuja traducção está prompta. São quatro artigos do Dr. Emilio A. Goeldi, um escripto em allemão (1897) e os tres restantes em inglez (1896-1897). Comprehende-se que, na presente edição, não nos foi possivel reproduzir as estampas e figuras que acompanham os trabalhos originaes.

Pará, 25 de março de 1901.

A REDACÇÃO

escriptos do especialista dinamarquez HERLUF WINGE, não se encontraram fosseis de doninhas, mas só de martas, nas explorações paleontologicas de Lund nas grutas calcareas da Lagôa Santa (Minas Geraes, no sul do Brazil), não devendo portanto causar especie a falta d'essa pequena forma animal na fauna actual do Brazil.

Ao contrario d'isso, na metade septentrional do continente americano as doninhas estão mui largamente representadas, como podemos verificall-o na citada e bem desenvolvida monographia de Merriam. Ahi se acham, para o norte do isthmo de Panamá, nada menos de vinte e duas especies e sub-especies, que estão naturalmente classificadas e divididas em dois grandes grupos, um boreal e outro austral, segundo os seus caracteres craneanos. Alguns d'elles approximam-se da zona sub-tropical: ha mesmo uma especie que se estende desde Costa Rica até ao Norte da America do Sul (*P. affinis* GRAY); e uma outra, *P. tropicalis* MERRIAM, habita os arredores de Vera-cruz e outras localidades do Mexico tropical.

Da citada dissertação, assim como da totalidade do material litterario e das collecções dos museus, resulta todavia o facto clarissimo, que a população d'estas especies apresenta o seu maximo de densidade nas partes septentrionaes da America do Norte, que diminue com a approximação da zona tropical, e que os seus mais avançados peões não passaram alem da faixa septentrional da America do Sul. O exemplar original de *P. affinis* descripto em 1874 por GRAY proveio de Nova Granada (Columbia), emquanto que o exemplar observado por MERRIAM é originario de S. José de Costa-Rica. Até hoje nada pude saber dos exemplares extra-brazileiros de doninhas da America do Sul,¹ quer da actualidade, quer dos periodos anteriores. MERRIAM tambem lamenta um tal estado de coisas nas palavras seguintes: «E' muito para lastimar que os specimens das doninhas da America do Sul não estejam disponiveis para o estudo comparativo com as especies da America do Norte» (ob. c. pag. 7).

Eu fiquei, por consequencia, muito surprehendido quando no anno passado (no meiado de novembro de 1895) um conhecido me forneceu uma doninha ainda viva dos arrabaldes da capital do Pará, (districto florestal do Marco da Legoa), d'onde foi trazida por uns trabalhadores. Ella foi sem duvida

¹ Por consequencia tenho duvidas sobre as especies e sobre as fontes litterarias a que MERRIAM se refere na passagem citada sobre «*especies descriptas das montanhas do occidente*».

machucada no momento de ser apanhada, porque mostrava a região sacral paralyzada e arrastava-se com difficuldade sobre as pernas trazeiras. Todavia alimentou-se e viveu alguns dias, não me sendo permitido o prazer de a vêr curada e livre de perigo.

Esta doninha, agora embalsamada, possui o pello de uma côr que eu não conheço em nenhuma outra especie, e que em parte alguma vi descripta. Emquanto que o lado superior é de um bruno magnifico, o lado abdominal é côr de ocre,¹ tendo comtudo exactamente na linha mediana (medio ventre) uma faixa com a côr bruna do dorso, que se estende do meio do pescoço até o pubis. A parte interior das pernas tem pelo contrario a mesma côr do ventre, talvez um pouco mais clara.² E' systematicamente importante, que os tons claros da parte inferior da cabeça só formam um ligeiro arco para cima entre os cantos da bocca e os olhos, sem o que teria nas formas o typo physionomico tão caracteristico das doninhas norte-americanas.

As côres do peito e do dorso estão, em poucas palavras, distinctamente separadas por uma linha longitudinal, que passa por debaixo das orelhas, muito especialmente na cabeça onde as duas partes adjacentes se encontram n'essa linha. No pescoço o amarello é sensivelmente mais carregado. Entretanto o character original, que só por si seria bastante bello, e que torna para mim esta doninha perfeitamente distincta entre todas as outras já descriptas do antigo e do novo mundo, consiste incontestavelmente na faixa escura que a marca longitudinalmente no medio ventre.

As dimensões do corpo estão claramente indicadas nas linhas seguintes:

Comprimento total 52,2^{cm} (no cadaver 49,4^{cm}).
 Comprimento sem a cauda 32,2^{cm} (no cadaver 29^{cm}).
 Cabeça até á raiz das orelhas 58^{mm}.
 Circumferencia do pescoço abaixo das orelhas 126^{mm}.
 Circumferencia do corpo (região inguinal) 162^{mm}.
 Largura da cabeça (margem anterior das orelhas) 39^{mm}.

¹ A parte inferior da cabeça tem côres muito mais claras — branco puxando para o amarello — que domina sobretudo nos lados do focinho. O amarello do lado abdominal assemelha-se mais ou menos ao das manchas do pescoço da *Galictis barbata*.

² E estende-se para baixo quasi até as articulações do pulso e do artelho.

Suppondo que as medidas publicadas por LEUNIS-LUDWIG representam em regra um typo medio, o nosso animal entraria, pelas suas dimensões, entre a «papalva» e o «grande arminho»; com respeito ás proporções entre os comprimentos da cauda e do corpo (5:8) elle approxima-se mais do ultimo. Comparado com as doninhas norte-americanas, taes como as revelam as medidas citadas por MERRIAM, a nossa doninha do Amazonas approxima-se pelas dimensões a mais de uma entre ellas, por exemplo ás do grupo *Frenatus*, que é tambem geographically o mais visinho d'ella.

Um particular interesse resulta por certo do estudo do craneo. Escolhi outra vez uma serie de medidas, que julgo muito importantes, porque se relacionam directamente com o trabalho de MERRIAM sobre as doninhas norte-americanas, e além d'isso tambem com a obra de A. NEHRING sobre as martas do novo mundo, do genero *Galictis*. Para essa comparação colloco-as juntas n'uma tabella, na qual disponho tambem, ao lado das medidas copiadas de MERRIAM sobre os craneos da *Frenatus* e da *Tropicalis* outras correspondentes, que eu tirei de um *Galictis allamandi* resp. *crassidens*, que tenho casualmente aqui presente.

	Putorius brasiliensis paraensis (Goeldi) PARÁ		Putorius frenatus (Merriam) MEXICO		Putorius tropicalis (Merriam) MEXICO		Galictis allamandi resp. crassidens (Goeldi) PARÁ
	♂ mm	♀ ad mm	♂ mm	♀ mm	♂ mm	♀ mm	
Comprimento basilar (segundo o methodo de Hensel).....	51	43,5	47,5	36,5	82		
Comprimento total.....	52,5	45*	49	37,5*	94		
Maxima largura nos arcos zygomaticos.....	33,5	25,5	28	22,5	54,5		
Max. larg. nos ossos temporaes (Proc. mast.)..	27,5	23	24,5	19,5	51,5		
Distancia dos appendices post-orbitaes.....	?	?	?	?	29		
Comprimento do palatal (excl. Proc. ptery- goid.).....	24,5	19,5	22	16	42,5		
Comprimento post-palatal.....	27,5	25	27	21,5	40		
Compr. da serie de dentes superior (incl. C.)	—	—	—	—	30	(excl. C = 23,5)	
Compr. da serie de dentes inferior (incl. C.)	—	—	—	—	39	(excl. C = 26,5)	
Comprimento da mandibula até a inserção do condylo.....	—	—	—	—	58	(largura transversal = 8,5)	
Comprimento do Sector superior (p I).....	29	6	—	—	II	II.5 (com os ultimos rebordos)	
Comprimento do Sector inferior (m I).....	—	7,5	—	—	—	—	
Largura da faixa dos incisivos superiores...	—	5	—	—	—	14	

* MERRIAM apresenta estas medidas como os do *comprimento da base*, enquanto que ás primeiras as caracterizou, e bem, como do *comprimento basilar* de Hensel. Como synonymas de «comprimento total» parecem-me duvidosas, tão curtas são em proporção.

Além d'estas treze medidas tomei ainda outras mais, que não são realmente indispensaveis, mas que em todo o caso podem concorrer para *fixar*—o passado auctorisa esta expressão—completamente o typo de um exemplar positivamente raro.

Largura do craneo sobre a margem posterior de p 1.....	23 ^{mm.}
Maxima altura do craneo.....	17,5 ^{mm.}
Altura do craneo (acima dos appendices post-orbitaes.....)	13 ^{mm.}
Largura da abobada palatina por detraz dos caninos (c).....	10 ^{mm.}
Largura da abobada palatina em p 2 ¹ ...	12 ^{mm.}
Largura p 2 por detraz de p 1 (sector superior).....	15 ^{mm.}
Distancia das azas dos Proc. pterygoideos	7,5 ^{mm.}
Distancia dos Foramina jugularia de ambos os lados.....	11,5 ^{mm.}
Largura da mandibula (na altura de m 1, sector inferior).....	5,5 ^{mm.}
Largura da mandibula por cima do Proc. coronoideo.....	15 ^{mm.}
Largura transversal do molar superior (m 1).....	5 ^{mm.}
Largura transversal do premolar superior (p 1).....	4 ^{mm.}
Comprimento de um dos caninos superiores (parte anterior, á esquerda).....	8,75 ^{mm.}

Uma comparação das medidas apresentadas na primeira tabella mostra que a nossa doninha Paraense (fêmea desenvolvida) colloca-se, no tocante ás dimensões longitudinaes, entre as medidas attribuidas por MERRIAM ao *frenatus* e á *tropicalis*. O craneo presente é mais comprido do que os dos exemplares ♀ citados das duas especies; é porém mais curto que os das ♂♂. Infelizmente não achei em obra alguma, das que conheço, material litterario que me permittisse estender esta comparação ás doninhas do velho mundo.

Por outro lado, ensina a mesma tabella, que á nossa doninha Paraense pertence uma largura craneana relativa-

¹ p 3 falta no nosso exemplar em cima, do lado direito.

mente importante (a dos arcos zygomaticos) que a colloca acima da da *tropicalis* ♂, e perto da da *frenatus* ♂. Estas relações vêem-se aliás com evidencia comparando as minhas photographias (fig. 3 e 4) com a tabella 3 da obra de MERRIAM fig. 1, 2, 5, 6.

Crista sagittalis no nosso exemplar quasi não existe (♀); o craneo deve ser definido antes como liso; ¹ caracteriza-se além d'isso pelas suas elegantes e arredondadas linhas de contorno. ² Por estas duas condições se distingue elle immediatamente entre todas as formas craneanas, que são apresentadas na obra de MERRIAM como as das grandes doninhas norte-americanas. N'uma comparação mais rigorosa diversas differenças ainda entrariam em linha de conta, dando ao craneo em questão um cunho peculiar que não tornaria difficil aos paleontologistas o trabalho de distinguil-o n'uma serie de craneos de martas e de doninhas.

Só me falta agora resolver o problema de denominar a presente doninha Paraense. Não faltam absolutamente caracteres que poderiam levar á formação de uma especie nova. Isto me parece comtudo menos indicado n'este caso, emquanto não forem conhecidos os dous sexos d'esta doninha. Posto que muitos elementos importantes (a forma da cabeça, a faixa do ventre, a forma do craneo e as dimensões) se opponham á sua semelhança com o *Putorius brasiliensis* = *frenatus* ? particularmente quando se devesse verificar a identidade real do citado exemplar original com as doninhas, que MERRIAM e os naturalistas norte-americanos classificaram no grupo *frenatus* (ob. cit. gravura do frontespicio fig. 1), e que por consequencia *P. brasiliensis* nem sequer fosse brasileira no sentido geographico; todavia parece-me que, emquanto se não fizer uma nova e indispensavel confrontação do exemplar original de Petersburgo com as gravuras e descripções respectivas, deve-se dar um logar provisorio á especie que acabo de descrever, com o titulo de *paraensis* e sob as reservas de uma sub-especie. Resultando d'aquella confrontação a necessidade da suppressão do nome *brasiliensis* posto por SEWASTIANOFF, o nome que eu apresentei de *paraensis* subirá por consequencia em seu logar á altura de uma especie—bem

¹ Na região parietal posterior observa-se porém em contraste um sulco chato.

² Os Proc. mastoidei não são de forma alguma salientes, antes fracamente marcados. Quando vistos de cima para baixo poderiam facilmente passar desapercibidos.

entendido que é unicamente para esta primeira doninha do Pará, aqui descripta.

A execução stricta das regras de prioridade ameaça aqui transformar-se n'um absurdo evidente, desde o momento em que se tornou conhecida uma genuina doninha originaria do Brazil, emquanto que o exemplar original de Petersburgo da *P. brasiliensis* do anno de 1813, nem sequer eventualmente, veio da terra de que tirou o nome.

Pará, março 1897.

II

Caribe

Sobre a Nidificação do *Cassicus persicus* (Japim), da *Cassidix oryzivora* (Graúna), do *Gymnomystax melanicterus* (Aritauá) e do *Todirostrum maculatum* (Ferreirinho).¹

Pelo Dr. EMILIO A. GOELDI C. M. Z. S.²

DIRECTOR DO MUSEU DO PARÁ

I. *Cassicus persicus* e *Cassidix oryzivora*.

Os ninhos da maior parte das aves brasileiras não são, de modo algum, faceis de achar, e os viajantes que não dedicarem muito tempo a este proposito verão geralmente muito pouco dos seus habitos de postura. Ha comtudo excepções e uma d'ellas é a do *Cassicus persicus*. Elle é sem duvida o Cassique mais predominante na baixa Amazonia e na Guyana; colonias d'elles, constando de um maior ou menor numero de ninhos pendentes, balouçando nas extremidades dos ramos das arvores, veem-se por toda a parte, e ferem sempre a vista do mais despreoccupado *touriste* de bordo dos vapores do Amazonas. Aqui, no Pará, o *Cassicus persicus* é um frequen-

¹ Extrahido de *The Ibis* de julho de 1897.

² [Vide *Ibis* de 1896 pag. 299 para um artigo anterior do Dr. Goeldi sobre um assumpto semelhante, e notae que a nota editorial ao fundo da pagina no começo do artigo deve referir-se a Koenig-Warthausen no J. f. O. 1868, e não ás excellentes notas do Dr. Goeldi.—Edd].